

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboraçãõ que não seja sollicitada.

O CASO DA SEMANA

Meu amigo:

Perante a sua penhorante insistencia não sei recusar-me a prestar-lhe o insignificante serviço de, semanalmente, transmittir aos leitores do seu jornal as minhas impressões sobre o acontecimento do nosso paiz que chama a attenção geral e que, por isso, se possa considerar —o caso da semana—

Felizmente para mim, para si e para os leitores, hão-de muitas semanas passar sem que ao jovem chronista se offereça motivo de inspiração. Eu o espero. Mas não será, por mal de nós todos, n'estes mezes mais chegados.

O paiz está ainda, como se soe dizer, no *periodo revolucionario*. Ha, portanto, movimento e vida, aspirações, luctas, provas de heroismo e de character e revelações de degenerescencia physica e moral, nesta sociedade que se transforma.

O elemento reaccionario não ficou extinto com a Revolução: a cada momento dá rumor de si, brandindo a arma da insidia, da mentira e da infamia. Mas o elemento demagogico tambem não tende a acabar.

E estes dois elementos odeiam-se. Deste odio nasce a lucta, que entre elles está travada, e que tem sido violenta e brutal.

Um episodio d'esta lucta se desenrolou, hontem, no Porto e episodios identicos se haviam dado já em Lisboa e Coimbra.

Refiro-me ao assalto á redacção da *Palavra*, á *Associação Catholica* e ao *Circulo Catholico*.

Dispensa-me v. e os leitores do seu jornal de detalhar o facto. Fizeram-no os jornaes diarios. Deve ser, portanto, conhecido. Mas, ainda que eu quizesse historia-lo, uma grande difficuldade me embarçava: não conhecer precisamente e claramente a causa occasional que o determinou. Não terá obedecido, como alguns querem, a um plano preconcebido: mas, sendo assim, algum motivo de occasião ha-de ter impellido o povo que, desvairado e furioso, se arremessou contra

os edificios onde os catholicos costumavam confraternisar, e que elle não arrazou completamente, porque lhe faltou força physica para tanto.

E' esse motivo que eu não conheço senão vagamente. Está relacionado com a conferencia que Gomes Leal veio fazer ao Porto, um dia d'estes, conferencia que determinou uma outra contradictoria d'um academico da capital do norte. Disse da sua justiça o jovem, e não sei se illustre contradictor, no mesmo dia dos graves acontecimentos que são o assumpto d'esta minha primeira carta, e poucos momentos antes d'elles.

O que disse Gomes Leal e o que disse o seu antagonista? Ignoro-o absolutamente. Se os jornaes publicaram o extracto dos seus discursos, passou-me despercebido.

Mas se Gomes Leal não tivesse ido ao Porto, não se teria dado, ou não se daria ainda, o lamentavel episodio da lucta encarnizada e feroz que travada está entre os dois elementos antagonicos da sociedade Portugueza?

Dava-se, fatalmente, porque o mais ligeiro incidente faria explodir o odio do elemento democratico, mais propriamente, demagogico, da cidade invicta, contra o elemento catholico, com mais verdade jesuitico e reaccionario, que o *cinco d'outubro* não matou de todo.

Esse facto pertencia ao numero dos factos sociaes que, neste momento, no nosso paiz, podem e devem prevenir-se.

E quem podia e devia prevê-lo? A auctoridade. Para quê? Para o evitar.

E' era facil preveni-lo: bastava ter suspenso a *Palavra* e quantos jornaes não sabem ou não querem comprehender a gravidade do periodo historico que a nacionalidade Portugueza atravessa.

A *Palavra* é um jornal *catholico*. A sua suspensão poderia ser uma offensa aos catholicos sinceros que por ventura haja neste paiz, se o famigerado diario portuense desempenhasse nobremente a sua missão.

Desde que assim não acontecesse, e parece que realmente assim não acontecia, o governo não devia ter hesitações.

Suspendia-o, e só não re-

ceberia applausos de quem não podesse apreciar com lucidez e justiça os seus actos.

16—2—911.

David Ernestino.

ASSUMPTOS HISTORICOS

Reflectámos nos derradeiros momentos de quatro famosos capitães portuguezes, que viveram em diversas epochas. N'essas quatro horas de agonia me parece vêr um symbolo do periodo que abrange a virilidade, idade grave, velhice, e decrepidez da nação portugueza. Este symbolo resume, se não me engano, a historia da transformação moral d'esse periodo.

Em 1449 o conde d'Abrantes, Alvaro Vaz d'Almada, expira em Alfarrobeira, rodeado de cadaveres e cançado de derribar seus contrarios, defendendo a honra e innocencia do grande infante D. Pedro; porque, cavalleiro, cria na virtude d'outro cavalleiro, do seu amigo, a quem antes da batalha, cujo exito d'antemão ambos sabiam, jurára sobre a hostia consagrada não sobreviver.

Em 1515 Affonso d'Albuquerque, o maior capitão do mundo, afóra Cesar e Bonaparte, depois de estampar as quinas como em signal de servidão na frente da Asia, e de obter dos infieis o nome e de obter dos mares, morre de desgosto, por vêr turbada contra si a face do monarcha; morre, crendo que um enredo mesquinho de cortezãos pôde offuscar a sua gloria, que allumia a terra; morre, porque se desconhecem seus serviços.

Em 1548 D. João de Castro acaba jurando que não roubara um cruzado á fazenda publica, nem acceitara uma só peita para torcer a justiça. Era necessario o juramento do moribundo para que passasse pura á posteridade a memoria de um homem honesto.

Em 1576 D. João Mascarenhas, coberto de cãs e farto de recompensas, calca aos pés a corôa de loiros que obtivera em Diu, e como o mais vil usurario estende da borda do sepulchro a mão descarnada para receber de Castella o preço, por que vendera a patria; e expira, se não cheio de remorsos, ao menos rico de oiro e ignomias.

Em 1580 a independencia de

Portugal não existia: e o Diabo do Meio-dia, por me servir da frisante denominação dada por Sixto 5.º a Philippe II, reinava em todas as Hespanhas.

As diferentes circunstancias companheiras da hora extrema de quatro homens eminentes, d'essa hora em que o espirito se mostra nú aos olhos da posteridade, revelam o seu estado moral e as suas convicções, e n'elle e n'elles o estado moral e as suas convicções, da geração a que pertenceram. No primeiro ha uma individualidade vigorosa, que tem fé na propria virtude e no testemunho da consciencia. No segundo ha ainda a virtude, mas não ha a consciencia d'ella; substituiu-a o juizo do monarcha: a gloria cre presenciar da confirmação dos cortezãos; cre precisar de um diploma que a legalise. No terceiro ha tambem virtude, mas já como que duvidosa de si; a individualidade desapareceu completamente; o homem nobre e virtuoso cre que o seu nome se ha-de submergir na corrupção geral que o cerca, e ergue-se no seu leito de agonia para bradar aos vindoiros: «juro-vos que fui honesto.» No quarto, emfim, a gloria prostitue-se á traição; a nacionalidade é levada ao mercado das ambições de estrangeiros; um homem illustre cospe na face da patria, expira contando os paccos de oiro que lhe valeu sua perfidia, e a nação dissolve-se como um cadaver gangrenado.

Eis aqui porque eu considero todo o seculo decimo-sexto como um seculo de decadencia. O viço da arvore dura algum tempo depois de se lhe haver entranhado o gusano no âmago do tronco; porque as folhas nasceram e crearam-se quando a seiva ainda era pura. E' após isso que as folhas amarellecem e cahem; os ramos engellem e torcem-se; o tronco secca e apodrece. Então passa o sópro das tempestades, e a arvore desaba em terra.

Alexandre Herculano.

ABC Illustrado
POR
ANGELO VIDAL

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

AS MINHAS CARTAS

XII

Todos sentem, decerto, como eu sinto, ao ver uma cadeia, um mal-estar indefinido, uma especie de terror. Permanecendo em frente d'ella, ainda que por instantes, ou apenas passando junto, apodera-se de mim um quê de extranho e terrivel que me obriga a afastar, sem demora.

Aquelle aspecto pesado das paredes, aquellas grades reforçadas das janellas e aquelles desgraçados, ás vezes vistos a respirar através dos seus quadrados de ferro, trazendo uns ao peso da miseria e aprendendo outros a serem mais miseraveis, parecem a serem mais atmosferas d'um ar irrepresavel, a que somos obrigados a fugir, sob uma impressão profundamente desagradavel.

Nos carceres móra a Desgraça, a Miseria, e o Crime, espectros da vida humana, e ao longe está a Felicidade, cheia de mysterios e cheia de sorrisos que são outros tantos attractivos que nos chamam e nos seduzem.

Nos carceres móra a Inercia, existe a Treva e está preso o Trabalho, para que o Crime mais se desenvolva e aperfeicção.

Cá fóra a Vida, reclamando energia, o Sol brilhante e creador, difundindo luz a jorros e o Trabalho regenerador pedindo braços e offerecendo riquezas, dignidade e honra.

O trabalho preso em cadeias!... Bem diz o poeta:

«Casas erguidas para a Desgraça' Tumulo e carcere, lar e caverna! Trêmo de medo quem alli passa!»

As cadeias causam horror. Pelo que são em si e pelo fim a que as destinam.

O carcere é antro para onde ás vezes entram homens e d'onde saem feras.

Tantos braços inutilizados! Tantas energias abandonadas, que poderiam ser uteis á sociedade e á Patria!

Tudo isto hoje me perpassou pela mente, ao vêr, na cadeia de Coimbra, um rapaz de 14 annos natural de Quiaios, concelho da Figueira da Foz.

Tive curiosidade de o vêr e de lhe fallar.

Está na prisão n.º 1, conjunctamente com outros individuos de diferentes edades. A enxovia tem uma fileira de tarimbas do lado norte e, por cima de cada uma, uma étágere tosca onde os presos poem as suas poucas coisas.

Os habitantes das cadeias não se preocupam. Não querem embaraços.

Luiz dos Santos Rosas, filho d'um carpinteiro honesto que, dizem, vive desfagadamente, é auctor, apesar da sua pouca idade, de muitos furtos, alguns de importância.

Tem sido bastante estudado na cadeia por varios individuos que concentram nelle um caso perfeito de psychiatria.

E' possível que elle seja um

riminoso nato, perfeitamente tado para o crime. A sua constituição parece demonstra-lo: baixo, grosso, olhar vivo e maldoso, respostas tardias e calculadas como de um homem experimentado no mal, que elle ha de ter ensaiado sufficientemente, ha cinco mezes que está na cadeia.

Depois de lhe ter feito umas perguntas, a que elle respondeu de esguelha e por meias palavras, e de o ter mirado bem, disse ao carcereiro que podia fechar a porta.

O rapaz voltou-nos as costas encaminhando-se para a prisão.

Caixas de côr, casaco de flanela preta, curto, e chapéu de palha, tudo ainda em regular estado, eram o traje d'elle.

Saf da prisão a pensar nestes miseráveis que as cadeias abrigam, umas vezes engulindo-os para sempre, outras vomitando-os, mais asquerosos e abjectos.

Da cadeia só pôde sair degeneração—monstros.

O trabalho algemado, cede campo ao Crime no mais amplo sentido da palavra.

Porque não hão de ser aproveitadas tantas energias ao abandono, em utilidade para a nação e para a moral social?

Só o trabalho regenera, cria, edifica, enobrecer.

Porque não hão-de os condemnados ir trabalhar em obras do Estado ou ser mandados em «Colonias agricolas», para a nossa provincia do Alemtejo, principalmente?

Era moral e util para todos, este meio; sendo ao mesmo tempo, um meio nobre de educação e regeneração.

O nosso paiz, uma das mais pequenas nacionalidades da Europa é, apesar d'isso, um dos mais incultos; e a provincia do Alemtejo, que podia ser o «Celleiro de Portugal» pôde comportar seis milhões de habitantes e tem extensões enormes de terrenos virgens, que emprestam a sua seiva a plantas maninhas, a plantas quasi inteiramente inuteis.

Paulo Stacio.

NOTICIARIO

Reynaldo d'Aragão—Jornaes brazileiros trazem-nos a agradável noticia de que o nosso presado conterraneo sr. Reynaldo Marques Coelho de Aragão, ha annos residente no Rio de Janeiro, acaba de concluir, distinctamente, o curso de pharmacia pela Faculdade de Medicina d'aquella cidade. D'aqui o abraçamos muito cordalmente, desejando que seja feliz no exercicio da sua nova profissão.

Aos seus paes, o sr. José Francisco Coelho e a sr.^a D. Maria Elisa Marques, e a seu tio, o sr. Manuel Rodrigues

Domingo

No campo e na cidade

Nos preceitos das suas famosas tabuas, Moysés, impoz aos homens o preceito, de como observancia religiosa, de não trabalharem ao settimo dia, partindo da hypothese de que elles o teriam feito nos seis antecedentes, caso que nem sempre se da, como havia de saber o inspirado hebreu. «O settimo dia, diz Pentateuco, é o do repouso do Eterno: neste dia não trabalharás, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu criado, nem a tua criada, nem os teus animaes, nem o estrangeiro que dormir em tua casa». O settimo dia era o sabbado na legislação do

Felizardo, enviamos muitas felicitações.

Para que os amigos, que Reynaldo Aragão deixou na sua terra natal, possam avaliar quanto elle é estimado e considerado no Rio de Janeiro, vamos transcrever as noticias que alguns jornaes d'aquelle estado deram, quando elle terminou o curso:

Da *Gazeta da Tarde*, de 28 de dezembro de 1910:

O sr. Reynaldo de Aragão, distincto moço que acaba de concluir distinctamente o curso de pharmacia, pela nossa Faculdade de Medicina, hontem, á noite, em Maxambomba, onde reside, recebeu os seus amigos e admiradores em uma expressiva manifestação de apreço, por aquelle motivo.

Por espaço de duas horas muitos foguetes fôram aos ares e o nome do joven pharmaceutico de instante a instante era aclamado.

Justissimas essas expressões de admiração a quem a ellas, como Reynaldo de Aragão, tem direito, pelo talento, pela virtude e pelo esforço proprio.

Na pharmacia Aragão, onde varios amigos foram saudar o novel pharmaceutico, faram o nosso companheiro de redacção Deoclydes de Carvalho e o dr. Salles Teixeira, abalisado clinico local.

A todos Reynaldo de Aragão agradeceu commovido.

Uma festa intima, porém, muito significativa.

Da *Tribuna*, de 29 de dezembro de 1910:

O sr. Reynaldo de Aragão, talentoso moço residente na vizinha cidade de Maxambomba, onde é devéras estimado, concluiu antehontem, distinctamente, o curso de pharmaceutico pela nossa Faculdade de Medicina.

Por esse motivo, hontem, á tarde, quando o joven pharmaceutico regressou áquella localidade, os seus amigos e admiradores fizeram-lhe expressiva manifestação de apreço.

Em nome dos manifestantes falou o major Deoclydes de Carvalho, vereador á Camara Municipal, e depois, em seu nome pessoal, o dr. Salles Teixeira.

A todos, commovidamente, agradeceu o distincto moço.

D'O *Paiz*, de 29 de dezembro de 1910:

Este anno, pela nossa Faculdade de Medicina, dentre os que concluíram o curso de pharmacia, se encontram Milton de Villa Nova e Reynaldo de Aragão, dois moços de muito talento.

Na Faculdade de Medicina, como academicos, Milton de Villa Nova e Reynaldo de Aragão, no meio dos de mais fulgôr, sempre tiveram uma posição de destaque. Irão ser magníficos profissionaes? E? o que se espera.

decalogo, e por homenagem ao brilhante acontecimento da Resurreição, que se deu no Domingo—*dies solis*—o christianismo marcou o repouso a que todos temos direito, quando trabalhamos, para esse dia, transformando assim em ultimo o primeiro. Foi o grande Constantino quem ordenou tal mudança, obrigando os juizes e o povo da cidade ao descanso, consentindo, porém, o trabalho aos que remexem a terra para d'ella tirar o sustento.

Proudhon, escrevendo sobre a materia, distingue argutamente entre o significado do domingo nas cidades e nos campos. Transcrevo as suas palavras, para o devido commento:

«O domingo nas cidades é um dia de feriado sem motivo, nem fim;

O que sabemos é que tanto o Milton como o Aragão nasceram para triumphar. E é o que nós desejamos.

Pela imprensa—Principiaram a publicar-se, em Aveiro, mais dois semanarios, a *Liberdade* e a *Justiça*, respectivamente dirigidos pelos srs. Alberto Souto e dr. Antonio Fernandes Duarte e Silva. Cumprimtamo-los muito cordalmente, desejando que contribuam para que neste districto se entre num periodo de ordem e de paz.

Para que se possa fazer ideia da sua orientação transcrevemos algumas passagens dos respectivos artigos de apresentação.

D'A *Liberdade*:

Queremos uma republica como sempre a quizemos—para todos. Sem espirito de seita que irrita, sem retaliações nem intransigencias que deslustrem.

Republica para uma Patria nova, Republica para cidadãos dignos, Republica para homens honestos.

Uma Republica que instrua; que eduque; que erga o povo da ignorancia e do abatimento; que chame os bons, que anime os fracos, que apenas evite e castigue os criminosos, que a ninguem odeie!

Uma Republica que socorra quem tiver necessidade, que chame ao bom caminho quem d'elle se desviar, que ampare aquelle que vacilla e levante o desgraçado que cahir.

Uma Republica democratica, social, progressiva, orientada pela razão esclarecida pela sciencia, mais alguma coisa que uma mudança de formulario, do que a expulsão de um rei; uma Republica que não seja apenas um novo burocratismo óco e formulista, bafiento e asfíxiante.

Uma Republica do povo e uma Republica para o povo sobretudo.

Uma Republica que fomente a riqueza do paiz, o progresso integral da nacionalidade portugueza.

D'A *Justiça*:

Postergando os principios que, ainda hontem, proclamavam na imprensa e no comício, pela pena e pela palavra, como seu credo politico, os homens, que se julgam com direito a mandar nesta terra, enveredaram por um caminho de represálias, d'odios e de perseguições que só poderá levar á indiferença, á inquietação, ao justificado receio pelo dia d'amanhã. E, como estamos inteiramente convencidos de que aos destinos da Republica andam intimamente ligados os destinos da nossa Patria, como republicanos e, sobretudo, como portuguezes, temos o direito e o dever de protestar bem alto contra a situação irreductivel, creada pela demagogia local com a sua criminosa orientação.

um dia de ostentação para as creanças e para as mulheres, de boa venda para os restaurantes e tabernas, de degradante preguença e de excessivo devassidão. No domingo os tribunaes estão fechados, as escolas e cursos em ferias, as officinas sem movimento, os soldados sem exercicios. Para quê? Com o fim de que o juiz, despiendo a sua toga e deixando a sua gravidade se entregue á ambição e ao prazer; o sabio deixe de pensar, o estudante passeie, o operario se alambase, a costureira danse, o soldado beba e se aborrea. Só o traficante é que não pára. Ainda que o procedimento dos que não trabalham fosse virtuoso, o fim da instituição dominical estava falseado; 1.º porque os divertimentos não concorrem para o bem

Juiz de Paz—Foi nomeado juiz de paz d'este julgado o nosso amigo e conterraneo sr. Aristides Dias de Figueiredo, distincto pharmaceutico, em substituição do seu collega sr. Antonio Simões da Silva, que desempenhou o referido cargo durante alguns annos e que, por sua vez, havia succedido ao sr. Avelino Dias de Figueiredo, tambem pharmaceutico.

Parece que, nesta terra, os pharmaceuticos são juizes de paz natos, reveasando-se no officio, visto não ser possivel desempenharem-no todos, ao mesmo tempo.

E, com franqueza, fóra de aquella classe não seria muito facil arranjar aqui quem empunhasse a vara da justiça.

Ha sem duvida pessoas de iutelligencia e de criterio para desempenhar essas funcções com a proficiencia que é licito exigir em quem não tem nenhuma preparação juridica, mas o que não ha é muitas pessoas que possam perder tempo, e pouco não perde o juiz de paz que queira desempenhar dignamente as suas attribuições.

Não felicitamos o nosso amigo Aristides de Figueiredo, pelo seu novo cargo, porque, como diz o proverbio, *honra sem proveito faz mal ao peito*; mas felicitamos os cidadãos d'este julgado de paz, porque lhes será administrada justiça... com justiça.

DURANTE A SEMANA

Na recepção semanal dos representantes da imprensa estrangeira, o sr. ministro dos estrangeiros fez declarações de que a campanha no estrangeiro contra o nosso paiz vai diminuindo dia a dia.

Referindo-se aos ultimos acontecimentos do Porto, disse que o governo tomou providencias para que não se repitam mais essas faltas desagradaveis, e aquellas se justificam em parte pela exaltação do povo contra o movimento clerical.

Disse mais que a revolução terminou na rua para existir sómente no poder com a lei.

Referindo-se á situação economica, garantiu que ella era excelente; que as eleições deviam ter lugar no fim de abril e que hontem reunia já a comissão para tratar do recenseamento.

—A proposito do desenvolvimento dos serviços publicos declarou que o governo pensa crear um ministerio das colonias e fazer a reforma das bibliotecas e museus. Quanto ás relações internacio-

geral; 2.º porque fomentam o egoismo».

Como se vê, este meu velho mestre e ferocissimo critico distingue, como já o fizera Constantino Magno, entre o que é o domingo para os habitantes da cidade e para os camponezes; porém, guia o seu pensamento em sentido diverso do do grande imperador romano. Assim continua Proudhon:

«Nas aldeias onde o povo cede mais facilmente ao sentimento religioso, o domingo ainda conserva parte da sua influencia social. O aspecto de uma população rustica, reunida como uma familia ao chamento do parcho, e prostrada silenciosa e recolhida diante da magestade do Deus invisivel, é tocante e sublime. O encanto da cerimonia

naes affirmou que eram as melhores possivel; e referindo-se á criação d'um consulado em Badajoz e de representantes nossos nos diversos paizes, registou o seu pesar com o facto do sr. dr. Magalhães Lima não querer aceitar o logar de ministro em Londres.

Alludindo ao tratado com a França, prestou homenagem a este paiz, dizendo-se que tal tratado trazia consideraveis vantagens.

—O «Diario da Tarde», depois do assalto á redacção da *Palavra*, á *Associação Catholica* e ao *Circulo Catholico*, o qual teve lugar na quarta-feira, suspendeu a sua publicação, facto que pretende justificar com a seguinte declaração:

Em face dos deploraveis acontecimentos occorridos na noite de hontem n'esta cidade, e tendo nós mesmos recebido, por mais d'uma vez, a ameaça de que a nossa redacção seria dentro em breves dias assaltada, achando-se, pois, a nossa liberdade e a nossa segurança pessoal em flagrante perigo, protestando contra a situação intoleravel em que toda a cidade se encontra, resolvemos suspender desde hoje a publicação do «Diario da Tarde», até que providencias serias e efficazes sejam dadas e, em virtude d'ellas, se restabeleça a normalidade legal, que permita ao cidadão a tranquillidade moral pela confiança, justificada então, nas auctoridades constituídas.

Porto, 16 de Fevereiro de 1911.

Pelo «Diario da Tarde»
José Pereira de Sampaio

No mesmo dia, em que esta declaração appareceu, foi enviado aos jornaes um protesto assignado por muitos cidadãos de todas as classes, e no dia immediato foi chamado ao commissariado da policia o sr. José Pereira Sampaio, reduzindo-se a auto as suas declarações. Registamos a seguir algumas passagens d'este documento:

—Perguntado sobre se havia recebido alguma ameaça de que a redacção do «Diario da Tarde» seria assaltada dentro de breves dias, respondeu o sr. José Pereira de Sampaio o seguinte: «que sim»; e instado para dizer quem, respondeu que não queria dizer quem, pelo motivo de não incommodar e molestar esse quem. Perguntado mais sobre o que queria dizer com o afirmar na sobredita declaração que «a cidade se achava n'uma situação intoleravel», respondeu: «que não tinha a dar no momento e por esta fórmula explicações algumas a este respeito, que não só seriam de longa exposição como especialmente as deve á consciencia publica». E como requeresse ao sr. governador civil a inserção d'uma resposta que por escripto havia dado ao sr. commissario geral ácerca da ultima parte da mesma declaração do «Diario da Tarde» aonde se faz referencia á confiança nas auctoridades constituídas, aqui se consigna essa resposta, que foi nos termos seguintes: «Tendo eu implicitamente dito na declaração que publiquei no

nia influe no coração do camponez; no domingo elle é mais benevolo, conciliador e affavel; é sensivel á honra e prosperidade da sua aldeia; sente-se identificado com o interesse da communa.»

Em outra pagina acrescenta: «O domingo é o triumpho para as raparigas e para as mães. Exuberante de saude e mocidade, com a consciencia de ser formosa e como tal notada durante a missa conventual, qual será a camponeza que ao menos uma vez se não julgou amavel, deligente e sensata? Qual será a esposa que n'um domingo não dê á sua casa uma apparencia de festa e conforto, e não receba com agrado e bom humor os amigos de seu marido?»

A parte a falta de exactidão

«Diario da Tarde» que não tinha confiança nas auctoridades actualmente constituídas n'esta cidade, fica, naturalmente, ainda que não fosse senão por rigor logico, comprehendido n'essa minha asseveração que, com o maior respeito pelo principio da auctoridade, nada posso, todavia, ás inquirições de essas auctoridades responder mais do que com esta nova e complementar declaração que faço áquella minha primeira declaração do «Diario da Tarde».

N'este acto, pelo governador civil foi dito, dirigindo-se ao mesmo comparecente: «que unicamente pelo respeito que devia á memoria dos vencidos de 31 de janeiro, aos quaes andava ligado o nome de Pereira de Sampaio, e assumindo a responsabilidade da falta que commettia, não cumpria o seu dever de enviar este auto com a declaração a que elle se refere para o juizo de investigação criminal, afim de n'este juizo se verificar o crime que no caso occorreu pacificamente mostrando-se a publicação destinada a alarmar o espirito publico, ou susceptivel de causar prejuizo do Estado, ao credito publico, ou á segurança social, sem que se houvesse procurado verificar a sua origem ou seu fundamento, nos termos previstos pelo artigo 4.º do decreto com força de lei de 28 de dezembro de 1910; mas que á primeira reincidência cumpriria o seu dever, abstendo-se de fazer qualquer advertencia a esse respeito por estar convencido de que o auctor da publicação ali presente tinha discernimento sufficiente para comprehender o alcance de tal publicação e assim querendo dispensar-se-hia de futuro de provocar de novo a intervenção da auctoridade.—(aa.) José Pereira Sampaio, Paulo José Falcão, Francisco Xavier Pereira de Magalhães, Adelaide Scevola, Romulo de Oliveira e José Maria Alves Ferreira.

—Deve ter sido publicada no «Diario do Governo» d'hoje a lei que estabelece o registro civil obrigatorio que consta de 365 artigos e da qual resumimos, a seguir, os capitulos que se referem aos prazos em que deve ser feitos os registros e á cremação de cadáveres:

No capitulo VII a lei occupa-se do registro dos obitos, determinando como elles devem fazer-se, indicando quaes as declarações que no registro devem figurar. Logo que o assento seja lavrado, o official do registro passará o respectivo boletim d'obito, não podendo o enterramento effectuar-se fóra dos cemiterios publicos, um mez depois da lei entrar em vigor, as auctoridades farão retirar dos cemiterios todos os vallados, sebes ou quaesquer vedações que tenham por fim separar os mortos de religiões diversas, sendo desde já enterrados indistinctamente os cadáveres que tiverem ou não hereditarios religiosos aacompanhar-os.

A cremação de cadáveres fica sendo permitida, mas nenhum aparelho crematorio poderá funcionar sem licença do respectivo governador civil. A inceneração só póde ser feita nos cemiterios

providos de aparelho crematorio e mediante auctorisação do conservador ou official do registro civil mais proximo, que a concederá se lhe forem apresentados os seguintes documentos: Requerimento do parente de maior idade mais chegado, preferindo a viuva aos descendentes, estes aos ascendentes e, na falta de todos, o transverso mais proximo, ou ainda qualquer entidade estranha, quando exista declaração escripta do fallecido; certidão do medico que tratou ou observou o fallecido, demonstrativa de que a morte foi o resultado de uma causa natural; verificação da causa da morte por um sub-delegado de saude, que tambem informará sobre qualquer inconveniente que julgue haver na inceneração; em caso de provir o cadaver de outra circumscripção, documento comprovativo da auctorisação para o transporte ou trasladação; tendo a morte sido subita, a inceneração só poderá ser auctorizada passados dois annos da data da inhumação, e, em caso de morte violenta, só depois de autopsia, de cujas conclusões não haja recurso, e com parecer favoravel do respectivo delegado do Procurador da Republica.

A inceneração será feita sob a vigilancia do funcionario para isso designado pela corporação publica, proprietaria ou administradora do cemiterio, e as cinzas serão depositadas n'uma urna, em local a isso destinado constituindo sepultura particular ou de familia, ou em deposito geral estabelecido pela mesma corporação. A urna e as cinzas funerarias não pódem ser retiradas nem deslocadas sem auctorisação especial do funcionario do registro civil, ouvida a corporação proprietaria ou administradora competente. Os funeraes não poderão ter caracter publico differente, pelo facto de serem civis ou religiosos, considerando-se como não escriptas quaesquer declarações que o fallecido tenha deixado em contrario. Dentro dos cemiterios e dos templos, os funeraes serão livremente regulados nas suas solemnidades externas pela vontade do fallecido, ou, na falta de declaração escripta d'elle, de harmonia com as ideias que elle tenha manifestado, e subsidiariamente pela sua familia, especialmente quanto ao caracter civil ou religioso das honras funebres.

O diploma em questão, refere-se no cap.V em especial, ao registro dos nascimentos, cuja declaração deve ser feita por pessoa competente sete dias depois do parto, não se contando n'esse prazo o dia em que o parto se der. Se esse prazo for excedido, o official do registro civil não receberá as declarações respectivas. Então, a pessoa que pretender effectuar o registro terá de pedir auctorisação para isso ao juiz de direito, de corrido tres mezes, o qual a concederá sem multa, se se averiguar que o registro não se fez por causas de força maior. No caso contrario, a multa, alem dos sellos do processo, será de 10000 réis a 100000. Decorridos os tres mezes,

pela nossa parte notada, nas palavras do soberbo iconoclasta de todos os poderes, ao descrever certos factos, com elle estamos de accordo na differença que existe em relação ao significado do domingo numa aldeia ou numa cidade grande e populosa como Lisboa.

Na capital ha a concorrência matinal ás missas, onde os namorados se encontram. As lojas em grandissima maioria fechadas dão á cidade o aspecto de adormecida ou abandonada por motivo de guerra.

O sentimento de liberdade, que de manhã se lê no rosto de todos que durante a semana se viram presos á grilheta das suas obrigações, dá-lhe um tom expansivo de pessoas evadidas de uma prisão. Todos senão as suas coisas para

se distanciar dos logaraes a que por dever se acharam adstrictos. Os comboios e mais modos de sahida para fóra tem uma concorrência excepcional. Encontram-se ranchos de senhoras com crianças ao collo, que vão fazer visitas aos seus parentes, Carruagens com madamas emplumadas, circulam no Campo Grande e na Avenida; magotes de familias divigem-se professionalmente para os centros, onde haja janotada e musica.

Depois do meio-dia, quem percorrer as ruas mais distantes do centro da cidade encontra a tristeza e o abandono.

Portas de lojas fechadas, ruas desertas e só tabernas e botequins frequentados. A parte operaria da população é que se encontra n'essas

a pessoa que não se tiver apresentado a fazer o registro nos prazos indicados, será processada criminalmente, sendo-lhe applicada, alem dos sellos, a multa de réis 100000 a 1000000. Metade das multas será entregue á pessoa que participar ás auctoridades as infracções do que tiver conhecido.

Não basta, para que se faça o registro do nascimento, apresentar a creança a que elle disser respeito, devendo as testemunhas affirmar que viram essa creança. Isto, é claro, refere-se apenas ao caso em que a creança não possa vir á repartição do registro. Alem das testemunhas, poderão tambem assignar os assentos todas as pessoas idoneas presentes.

—Com o fundamento de que conspiravam contra as Instituições vigentes, foram mandados sahir de Portugal os srs. João d'Azevedo Coutinho, Alvaro Pinheiro Chagas, e José d'Azevedo Castello Branco.

NOTICIAS PESSOAES

Doentes

Tem passado incommodado o nosso querido amigo sr. Angelo Vidal, apreciadissimo gazethilheiro d'este jornal e distincto professor do Lyceu Rodrigues de Freitas.

—Está quasi restabelecido, o que estimamos, o nosso amigo e conterraneo sr. José Rodrigues Felizardo.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 16

Passou, ha dias, o anniversario natalicio do nosso presado amigo sr. Joaquim Nunes Baeta Junior, que convidou alguns dos seus mais intimos amigos para um esplendido jantar a que assistiram, entre outros, os srs. Bernardino Antonio da Silva, Manuel Rodrigues de Mattos, Manuel da Costa Jerego, Valentim dos Santos, Joaquim Augusto Nunes Baeta, José Baeta Vidal, Joaquim Baeta Vidal e as sr.ªs Emilia Dias da Silva, Maria Martins Sequeira e Maria Augusta Baeta e a menina Auzendinha Nunes Baeta, e quem escreve estas linhas.

O jantar começou ás 4 horas da tarde e terminou ás 11 da noite, trocando-se muitos brindes.

Pela nossa parte, mais uma vez felicitamos muito affectuosamente o amigo e digno cidadão Baeta Junior.

—A convite do nosso amigo Adriano Joaquim Caldas, realisou-se, ha dias, um pic-nic, no aprazível logar Poço do Bispo. Assistiram os srs.: Antonio Jorge Rodrigues, Francisco Marques dos Santos, Silverio de Carvalho, Pompeu dos Santos, Antonio Augusto Gonçalves, José Carneiro e seu filho João Agostinho Dias, e outros cujos nomes não podemos apurar.

Durante a merenda, que decorreu animadissima, tocou uma *troupe* musical que executou alguns trechos lindissimos, terminando pela *Portuguesa*, sendo levantados nesta occasião muitos vivas á Republica a aos vultos mais notaveis do partido republicano, como Affonso Costa, Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, etc.

O regresso a Lisboa, realisou-se á noite, em dois automoveis.

—A bordo do *Luzitano*, regressou a Lisboa, o digno marinheiro sr. Jeremias Henriques da Silva.

—Deu-nos, hoje, a honra da sua visita o sr. José Marques Vidal que já retirou para Montelavar (C.utra).—*Melicias*.

casas, quando se não conserva a dormir, por não ter dinheiro para gastar. A vida nas grandes cidades é cara, os prazeres ainda que sejam modestos custam dinheiro, o delicioso vicio é esquivo para os que não tem meios de o conquistar. Em Lisboa, dos quinhentos mil habitantes não frequentam os passeios e os arredores, nem quarenta mil pessoas, e os espectaculos publicos que nesse dia se multiplicam, não absorverão dez mil amadores. Nas tabernas e botequins de operarios haverá alguns milhares a mais do que os frequentadores ordinarios; porém, não serão muitos. O que claramente se presencia é que a cidade se espreguiça e aborrece.

A maioria dos que vivem de salario deitam calculos á sua vida,

Por falta de espaço temos de deixar para o proximo numero as correspondencias de Manaus, Thomar e Alquerubim.

*

No sabbado, á hora do nosso jornal entrar na machina, quebrou-se uma das paginas, vendo-nos obrigados a deixar a sua publicação para hoje. Que nos desculpem os nossos obsequiosos assignantes.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officias d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . .	170\$150
Padre Manuel da Cruz . . .	1\$500
José Liborio	1\$000
D. Carolina Adelaide de Mello . . .	1\$000
Somma	173\$650

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.^{ma} Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

para ver como chegarão ao fim do mez ou da semana, e reconhecem que o não podem fazer sem dividas. Os pequenos proprietarios, pequenos negociantes, pequenos industriaes e empregados publicos estiram-se na cama sem vontade de dormir e quando muito jogam a bisca para chamar o somno. A cidade descansa, não por se achar exausta de força, mas por não ter dinheiro. Ora, não ter dinheiro n'uma terra grande é a maior das miserias e o maior dos desesperos.

D'este facto, nascem mais do que do ar viciado, os rostos macilentos e as vontades tenebrosas, que dão o vicio, o suicidio, e as hypertrophias do coração e do fígado.

Não se procura na igreja, por

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

Padaria Lamego

DE

José Ferreira Coelho de Magalhães

529, Rua do Almada, 533 PORTO

Pão deadas as qualidades, bijou, hesp nhol e familia. Fabrico especial de pão de Lamego. Distribuição a qualquer hora para todos os poutos da cidade. Vinhos licores, bolachas, tabacos, etc.

O LUXO

CHRONICA DE LISBOA

Novo e sensacional romance do mesmo auctor de

OS TRISTES

e, como este, livro de critica, livro para recreio e para estudo, d'um realismo interessante.

O suggestivo titulo com que elle será apresentado, dispensa referencias á sua indole; o justo renome do sr. Barros Lobo é uma garantia do seu merecimento.

A SAHIR BREVE

A Deshonra

ROMANCE POR

D. João de Castro

A SAHIR BREVE

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

Venda de propriedades

David Ferreira da Rocha vende todas as que possui em Eixo, Oliveirinha e Azurva.

Os pretendentes pódem procura-lo em Eixo, ou em Aveiro no quartel.

que não ha ideal religioso; não se procuram os cursos da instrução popular, porque não ha taes cursos e se os houera faltava o incentivo, pois só o gera a educação moral e o bem estar domestico que entre vós falta. De modo que o dia que a religião, as leis e a razão destinam ao descanso é o de maior aborrecimento e o de mais tetrico desconso, numa cidade grande como Lisboa. Mil vezes os de semana, em que a soffreguidão do trabalho anniquilla a sensibilidade e adormece o sentido do gozo.

(Continua)

Teixeira de Queiroz.



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRITO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado) por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).



A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.^a edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão—27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.^a edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENA L

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numerção seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que não-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisala o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as vrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte)	2\$200

Annuncios, por cada linha	10 reis
Communicados, cada linha	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

4.^o ANNO—N.^o 9